

DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v33n2e26494>

Práticas corporais e educação do corpo: biopolítica em Belém do Pará

Body Practices and Body Education: biopolitics in Belém do Pará

Prácticas Corporales y Educación del Cuerpo: biopolítica en Belém do Pará

Gabriel Pereira Paes Neto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3648-6239>

Eduardo Paiva de Pontes Vieira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1641-7014>

Resumo: Neste artigo analisa-se como práticas corporais – especialmente ginásticas e esportes – foram acionadas como dispositivos de educação do corpo na cidade de Belém do Pará entre o final do século XIX e o início do século XX. A pesquisa interroga de que modo essas práticas participaram da produção de normas corporais, articulando disciplina, saúde e moralidade em um contexto de modernização urbana. A partir do referencial teórico de Michel Foucault, o estudo mobiliza documentos históricos (jornais, revistas, regulamentos e manuais), tratados como monumentos em uma abordagem arqueogenealógica. Evidencia-se que discursos médico-higienistas, pedagógicos, científicos e nacionalistas sustentaram um regime de visibilidade do corpo escolarizado, no qual ginástica e esporte funcionaram como tecnologias de biopoder e mecanismos de regulação social. Os resultados mostram que tais práticas integraram uma trama pedagógica específica de controle-estimulação, marcada por disputas, tensões e contradições, que produziram modos particulares de subjetivação e normalização dos corpos no período analisado. Ao evidenciar esses processos, o estudo contribui para compreender como práticas corporais foram utilizadas como estratégias de regulação social e de conformação de modelos de corpo alinhados ao projeto modernizador belenense.

Palavras-chave: corpo; práticas corporais; biopoder; educação do corpo.

Abstract: This article examines how bodily practices – especially gymnastics and sports – were mobilized as devices for educating the body in the city of Belém do Pará between the late nineteenth and early twentieth centuries. The study investigates how these practices contributed to the production of bodily norms, articulating discipline, health, and morality within a broader context of urban modernization. Drawing on Michel Foucault's theoretical framework, the research analyzes historical documents (newspapers, magazines, regulations, and manuals), treated as monuments within an archaeogenealogical approach. The findings show that medical-hygienist, pedagogical, scientific, and nationalist discourses sustained a regime of visibility of the schooled body, in which gymnastics and sport operated as technologies of biopower and mechanisms of social regulation. The results indicate that such practices formed a specific pedagogical plot of control-stimulation, marked by disputes, tensions, and contradictions that produced particular modes of subjectivation and normalization of bodies. By highlighting these processes, the study contributes to understanding how bodily practices were employed as strategies of social regulation and as means of shaping bodily models aligned with Belém's modernizing project.

Keywords: body; bodily practices; biopower; body education.

Resumen: Este artículo analiza cómo las prácticas corporales – especialmente la gimnasia y los deportes – fueron activadas como dispositivos de educación del cuerpo en la ciudad de Belém do Pará entre finales del siglo XIX y comienzos del siglo XX. La investigación indaga de qué modo estas

1



Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

práticas participaram en la producción de normas corporales, articulando disciplina, salud y moralidad en un contexto más amplio de modernización urbana. A partir del marco teórico de Michel Foucault, el estudio moviliza documentos históricos (periódicos, revistas, reglamentos y manuales), tratados como monumentos en un enfoque arqueogenealógico. Los hallazgos muestran que discursos médico-higienistas, pedagógicos, científicos y nacionalistas sostuvieron un régimen de visibilidad del cuerpo escolarizado, en el cual la gimnasia y el deporte funcionaron como tecnologías de biopoder y mecanismos de regulación social. Los resultados indican que dichas prácticas conformaron una trama pedagógica específica de control-estimulación, marcada por disputas, tensiones y contradicciones que produjeron modos particulares de subjetivación y normalización de los cuerpos. Al destacar estos procesos, el estudio contribuye a comprender cómo las prácticas corporales fueron utilizadas como estrategias de regulación social y como medios de conformar modelos de cuerpo alineados con el proyecto modernizador de Belém.

Palabras clave: cuerpo; prácticas corporales; biopoder; educación del cuerpo.

1 Introdução

A Belle Époque em Belém do Pará, compreendida entre o final do século XIX e o início do século XX, correspondeu a um período marcado por intensos processos de embelezamento urbano, nos quais os modos de vida europeus – especialmente aqueles associados a Paris – tornaram-se referência para a reorganização dos espaços, dos costumes e das práticas sociais da cidade (Barros; Serra, 2018). Nesse contexto, busca-se demonstrar como determinados modos de ginásticas e esportes foram selecionados e sistematizados como formas supostamente corretas de educar o corpo, instrumentalizando-o como alvo de estratégias de poder. Para tanto, analisam-se práticas discursivas e não discursivas que instituíram modos específicos de ver e educar o corpo, mobilizando pressupostos foucaultianos relacionados ao biopoder, considerando como recorte geográfico e temporal a cidade de Belém durante o período da Belle Époque.

As teorizações arqueogenealógicas de Michel Foucault (1988, 1999, 2008, 2013, 2021) subsidiaram as análises deste estudo, de modo que os documentos foram tomados como monumentos a serem desmontados, isto é, os arquivos foram interrogados em sua produção e deixaram de ser compreendidos como marcas de um passado a ser simplesmente lembrado, passando a ser analisados como artefatos selecionados e montados para supostamente registrar a memória (Foucault, 2008). Com o objetivo de delimitar o foco da pesquisa, foram formuladas questões orientadoras sobre o material empírico analisado, buscando conferir visibilidade às práticas discursivas e não discursivas instituídas nas práticas corporais – ginásticas e esportes – como modos de educar o corpo em Belém do Pará entre o final do século XIX e o início do século XX, compreendidas como parte de biopolíticas regulatórias e

de práticas de biopoder; nesse sentido, a memória, entendida como arquivo, foi mobilizada como operador analítico para interrogar as condições de possibilidade da produção de verdades, isto é, para compreender como jogos, ginásticas e esportes¹ se constituíram como práticas verdadeiras e legitimadas no contexto belenense.

As fontes analisadas incluem documentos não oficiais, selecionados a partir de arquivos² destinados à preservação e produção de memórias. Entre eles, destacam-se matérias jornalísticas, campanhas publicitárias, produções artísticas, além de revistas pedagógicas e de variedades que contenham enunciados relacionados às práticas corporais de educação do corpo. Para acessá-las, os registros foram coletados nas plataformas de arquivos: 1) Hemeroteca Digital Brasileira³; e 2) Seção de obras raras da biblioteca pública Arthur Vianna⁴. Criou-se uma unidade de enredo para conferir visibilidade à trama que possibilitou a emergência de um dado modo de dizer. Foi priorizado um conjunto de enunciados sobre a educação do corpo, registrados nesses materiais. Foram tratadas as referências dos documentos históricos iconográficos utilizados como “Figura 1 até a Figura 13”.

É proposta, assim, uma arqueogenealogia das práticas corporais de educação do corpo em Belém do Pará, inspirada na concepção de Foucault (2021), segundo a qual é preciso articular o conhecimento às memórias situadas, de modo a produzir um saber histórico das lutas que possa ser mobilizado estrategicamente no presente. O movimento de recuo temporal é realizado não para reafirmar continuidades, mas para identificar rupturas, desvios, acidentes – aquilo que, segundo Foucault (2008, p. 21), está na raiz do que conhecemos e somos: “[...] não a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente”.

¹ Não foi possível estabelecer um diálogo mais aprofundado com outros estudos de caráter histórico sobre os esportes e as demais práticas corporais que tomaram a realidade paraense – ou especificamente a cidade de Belém – como objeto de reflexão, em razão da ainda escassez de publicações dedicadas a essa temática.

² As edições históricas dos jornais citados foram consultadas no acervo digital da Hemeroteca Digital Brasileira, mantido pela Biblioteca Nacional, e da Biblioteca Arthur Vianna, que disponibilizam digitalizações em alta resolução dos periódicos da época pesquisada.

³ É um portal de digitalização de periódicos nacionais que possibilita uma vasta consulta, pela *internet*, a jornais, revistas, anuários e outras publicações. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

⁴ É um catálogo de obras raras que reúne publicações de alto valor histórico, cultural, literário e artístico. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/espacos-culturais/sede/biblioteca-arthur-vianna>.

A pesquisa não foi conduzida a partir de uma delimitação prévia de documentos a serem analisados. Em vez disso, adotou-se o critério da unidade de enredo, conforme proposto por Albuquerque Júnior (2011), orientando a seleção e articulação dos materiais não por sua homogeneidade tipológica, mas por sua capacidade de compor uma trama significativa em torno da produção discursiva sobre o corpo. Nesse movimento, foram privilegiados os enunciados localizados nos acervos consultados que tematizavam práticas corporais de educação do corpo, considerando não sua profundidade interpretativa, mas as regularidades discursivas e os efeitos de verdade que produzem.

A seleção das fontes baseou-se na pertinência arqueogenealógica, privilegiando documentos capazes de evidenciar as condições de possibilidade dos discursos sobre a educação do corpo em Belém entre o final do século XIX e o início do XX. Seguiu-se o princípio da unidade de enredo, articulando materiais diversos conforme sua função enunciativa, e não por tipologia.

Considerou-se a materialidade discursiva dos impressos, normativos e imagens como acontecimentos que revelam jogos de saber-poder, bem como a relevância histórico-discursiva de fontes que expressam rupturas e disputas ligadas à moral científica, disciplina escolar e higienização. Para isso, a heterogeneidade discursiva guiou a inclusão tanto de documentos oficiais quanto de fontes não canônicas, preservando a multiplicidade de vozes. Adotou-se, ainda, o critério da dispersão temporal e espacial, evitando narrativas lineares e priorizando descontinuidades. Por fim, a seleção foi orientada pela perspectiva da história do presente, interrogando o passado a partir de problematizações contemporâneas.

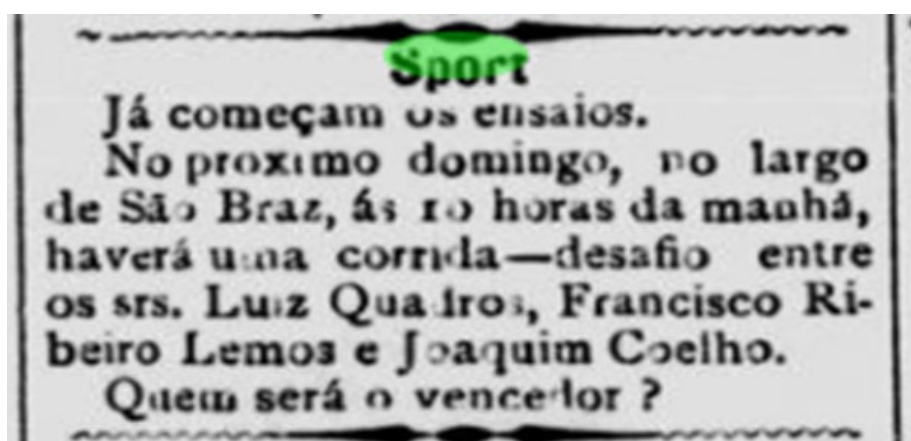
2 Esporte como produção lúdica-competitiva para disciplinar e moralizar corpos fortes e saudáveis

Entre o final do século XIX e início do XX⁵, discursos “defendendo” (ou não) esportes e ginásticas como elementos importantes na formação de crianças e jovens, passavam a ser frequentes em Belém. Enunciados passavam a compor formações discursivas médico-higienistas, ou se referiam à moralidade do corpo, a civilidade de hábitos, produtividade, nacionalismo, entre outros. Nesse sentido, para iniciar a

⁵ Esse período coincide com a consolidação do esporte moderno em alguns países.

discussão, apresenta-se a corrida no Largo de São Braz, que era um espaço público, que servia como ponto de encontro para diversas atividades. A figura 1 é um recorte de jornal de 1888 que anuncia uma corrida no Largo mencionado. O anúncio evidencia a introdução de práticas esportivas organizadas na cidade. Observa-se que o incentivo à prática esportiva, a competitividade e a instalação de modalidades esportivas em Belém (Dias, 2014). O efeito incidiu sobre grupos que buscavam imitar os ditos bons hábitos dos “civilizados” europeus por meio da prática de esportes por eles difundidos. O anúncio do evento no jornal legitimou o esporte como atividade “relevante” na sociedade belenense da época.

Figura 1 – Corrida no Largo de São Braz



Fonte: Diário de Notícias (PA), Belém do Pará, 24 mar. 1888, p. 2.

Neste período, em muitos países da Europa o corpo passou a ser pensado e estimulado/educado para “novas finalidades”, Belém sobre a influência do que ocorria principalmente em Paris e Londres, passou reproduzir as mesmas práticas. Segundo Foucault (1988) a modernidade é a época de maior estímulo do corpo, seja para o seu controle social, ou para servir utilitariamente na dinâmica da produção de valor. Segundo o autor, a modernidade substituiu o “direito de morte” pelo “poder sobre a vida”, estimulando o corpo, ao mesmo tempo que regulando-o. Não apenas individualmente, porém, regulando populações, inclusive, a sexualidade.

Essa construção, contudo, não fica estacionada na episteme moderna, ela progride e instaura tecnologias de poder que alcançam seu ápice ainda na primeira metade do século XX (Foucault, 1988, 1999). Antes disso, é possível afirmar que não se tinha um discurso único sobre o “poder” educativo do esporte, ainda assim, nos parece que o esporte era uma prática (para muitos ainda é) que envolve seus

praticantes em uma dimensão lúdica-competitiva. A pergunta “Quem será o vencedor?”, sinaliza uma transformação nas práticas corporais de educação do corpo, que passam a incorporar valores modernos, como a busca pela vitória mediante a necessidade de sobrepujança e comparação objetiva dos resultados entre os competidores (Kunz, 1989).

O papel da imprensa parece ter servido para a construção de normas, o que pode ter tido efeito para existência de “tramas pedagógicas esportivas”. Ao transformar uma prática comum em um “evento esportivo”, participava da construção de uma narrativa esportiva como símbolo de modernidade e progresso. Sobre isso, Bracht (2005) chama de esportivização o processo de crescimento do esporte desde o século XIX, até hoje, que entre outros elementos, produziu a organização disciplinadora, burocrática/organizativa, a criação de clubes, seja dentro ou fora das escolas, assim como, as competições. Processo que foi se dando durante o século XIX, até os dias atuais (skate, fisiculturismo, surf, capoeira e jiu-jitsu são casos recentes). Nesse ínterim, segundo Melo (2014, p. 1) o corpo passou a ser central na modernidade, a “Ciência, marca simbólica do novo tempo, contribui para gestar uma nova excitabilidade urbana marcada pelas noções de velocidade, mobilidade, progresso”.

Não por acaso, na narrativa de Elias e Dunning (1992) sobre o dito processo civilizador moderno experimentado em um conjunto de hábitos políticos, sociais e culturais, o esporte emergiu como um elemento central da construção de hábitos que pudessem ser identificados como mais civilizados, isto é, “não violentos”. Em síntese, a modernidade passou a exibir os espaços, materiais, regulamentações refinadas e técnicas esportivas como supostos símbolos de uma nova era. Consolidou-se como uma prática que produz modos específicos de ser, fazer e comportar-se, treinar e competir, rompeu parcialmente com a ideia e o conceito de jogo, que é mais incerto, lúdico e subjetivo (Melo, 2014; Bracht, 2005). No lugar do lúdico, aparece um tipo de “jogar” competitivo, organizado, rígido e uniforme (Bracht, 2005). Porém, sem abandonar a ludicidade, incorporando-a na dinâmica competitiva.

No esporte, o brincar deixa de ser concebido como atividade espontânea e passa a funcionar como meio de ensino planejado, metódico, regulamentar. Observam-se mais eventos esportivos em Belém. A figura 2 é um recorte de jornal

datado de 1891⁶, referente a uma corrida promovida no “Jockey-Club Paraense”. Tratou-se de um evento esportivo com “objetivos filantrópicos”, realizado com o apoio do Governo estadual e que, provavelmente, se relacionava com estratégias de construção de *status* social para as “elites urbanas”.

Figura 2 – Corrida no Jockey Club Paraense



Fonte: Diário de notícias (PA), Belém do Pará, 9 jul. 1891, p. 3.

Percebe-se a construção de uma narrativa de sociedade dividida em pessoas da elite e fora da elite, marcada por quem tem dinheiro e poder e quem não tem. Já que o esporte é uma prática corporal distintiva entre as classes, de início, apresenta-se sobretudo como uma moda burguesa de cuidado do corpo (Bourdieu, 1978). Os eventos esportivos provavelmente eram atravessados por interesses diferentes e até conflitantes, o que inclui arrecadar recursos para a criação do Lyceu, ou seja, marcado por controvérsias.

Se por um lado, a corrida é apresentada como um evento destinado à elite, enfatizando a distinção de classe e o caráter “espetacular” do evento, descrito como uma “esplêndida festa sportiva”. Por outro, “esconde” o não acesso a determinados espaços de lazer e cultura, que eram (ainda são) limitados pelo *status* social, ou seja, o texto do anúncio sugere dinâmicas de poder e exclusão social. Assim, a estrutura do evento institucionalizava as relações de poder ao consolidar o papel da elite como “benfeitora” e dos setores populares como destinatários passivos da compaixão dos

⁶ De acordo com Dias e Soares (2014), ressaltamos que Belém estava em um período de grandes transformações políticas, sociais e culturais.

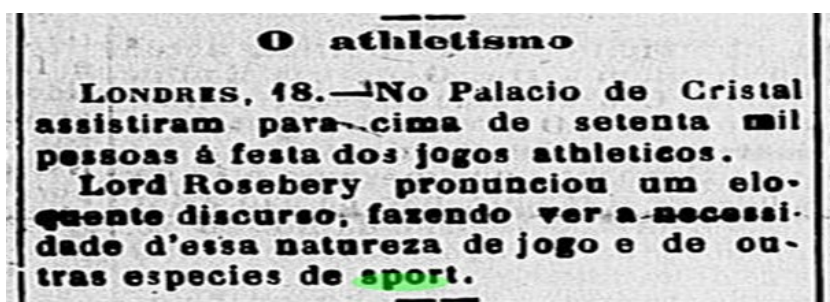
primeiros. Sobre isso, Bourdieu (1978) assevera que foi típico das elites a atitude de apresentar o esporte como espaço de consumo passivo para as classes populares.

Ainda sobre a figura 2, o texto remete ao conceito de “*sportmen*”, que é um discurso de criação de identidade aos praticantes de esporte. A pessoa que pratica as modalidades esportivas era denominada dessa forma. Segundo Matos (2012, p. 3) “[...] os *sportmen* significava ser seguidor do modelo de vida baseado nos padrões europeus de defesa do discurso de progresso e civilização”. Dias (2014) aponta que esse tipo de discurso passa a ser disseminado em Belém desde o final da década de 1870, com o início de práticas da modalidade remo. A modalidade era praticada por militares e passou a ser estimulada para civis, com provas contra os primeiros.

Em Belém, os esportes foram produzidos por discursos e disseminados, sobretudo, por jornais e revistas, sendo vivenciado de diferentes formas em cada clube (também em escolas). Sempre sendo instrumentalizados por algum ideal de formação e moral (Matos, 2012). Melo (2014, p. 2) pontua que “[...] concebido como estratégia de formação; uma boa ferramenta para a preparação de corpos musculosos, [...] bem como para a difusão desse modelo como ideal a ser perseguido”.

Observam-se outros exemplos nesse sentido, como a notícia sobre “athletismo”, figura 3, extraída do jornal “A República” (1886-1900), refere-se a um evento esportivo ocorrido em Londres (no Palácio de Cristal⁷), com participação de mais de 70 mil pessoas. Percebe-se que o esporte também era associado às elites urbanas que buscavam incorporar os valores tratados como “corretos” para o dito “progresso civilizatório”. Para isso, o texto enuncia a construção discursiva do esporte como um fenômeno dito universal e necessário.

Figura 3 – O “athletismo” em Belém



Fonte: A República (PA), Belém do Pará, 22 out. 1899, p. 4.

⁷ O Palácio de Cristal, construído em 1851, que simbolizava o progresso técnico e cultural da Inglaterra.

O texto não faz qualquer reflexão sobre as exclusões implícitas no cenário urbano de Belém. A adoção do termo “*sport*”, com grafia inglesa, simboliza uma sujeição cultural britânica no campo esportivo, como se pode perceber nos dois maiores clubes esportivos de Belém, hoje em dia, “*Paysandu Sport Club*” e “*Club do Remo*”. Segundo Dias (2014), quanto ao remo, é uma modalidade náutica muito praticada em Londres entre o final do século XIX e início do XX. O esporte, nesse contexto, foi produzido como uma tecnologia disciplinar que regula corpos e comportamentos. Esses discursos constituem o uso do esporte como um saber-poder que o legitima como elemento estruturante do “progresso”. Percebe-se o uso da modalidade também como espetáculo, “para o entretenimento do público”.

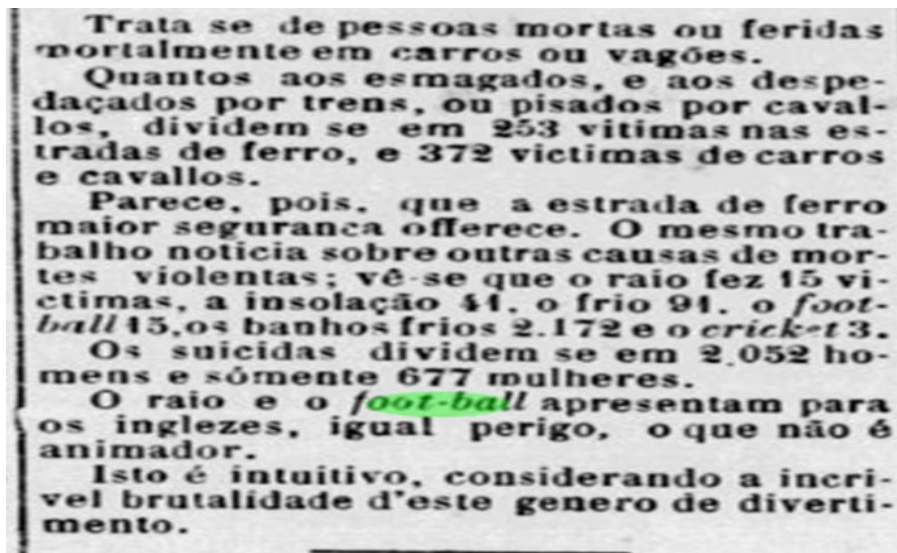
Em Belém, a discursividade “esportiva” foi sendo vinculada à produtividade médico-higienista e, assim, passou a instigar transformações na natureza, na organização, na dinâmica social/cultural e nas políticas das práticas populares de jogos. Sobre as transformações do esporte e sua “utilização pedagógica”, segundo Melo (2014, p. 2) “com sua vinculação à saúde [...], a publicidade, que no momento também melhor se delineava, não deixou o esporte passar despercebido”.

Segundo Matos (2012), em Belém os esportes passaram a ser defendidos em discursos de cronistas em jornais e revistas, que falavam das modalidades. Segundo o autor, os discursos falavam recorrentemente sobre “o ideal de “*sportmen*”. Acontecia o incentivo da “prática de educação física entre as crianças”, por parte dos cronistas. Segundo o autor, tal ideal era produzido como um discurso moderno, mas com uma dita referência aos “jogos gregos”. Em algumas crônicas, os jornalistas realizaram analogias ao passado, mais especificamente ao culto corporal (Matos, 2012).

A legitimação do esporte através de uma origem mítica e gloriosa constitui um ideário que cria uma linha de continuidade artificial das práticas atléticas antigas (Bracht, 2005). Matos (2012) apresenta nas publicações do jornal “A Folha do Norte” e na revista “A Semana”, uma diversidade de modalidades esportivas acontecendo em Belém. Entretanto, a figura 4 elucidada que nem todo mundo era a favor dos esportes, outrossim, havia campanha contra as práticas, alegando sua periculosidade, o que incluiria o *football*. A notícia foi publicada no jornal “Diário de Notícias”, o texto sugeriu críticas à prática esportiva, vista como uma atividade perigosa, semelhante a outros eventos que resultavam em mortes acidentais. A percepção do esporte como

uma atividade violenta, incompatível com as noções de lazer seguro e civilizado é dita na frase “esporte é uma barbárie”. Para isso, fez-se a comparação do futebol com fenômenos naturais, o que sugeriu uma tentativa de racionalizar o perigo do esporte.

Figura 4 – Esporte é uma barbárie



Fonte: Diário de Notícias, Belém do Pará, 22 ago. 1896, p. 2.

O texto demonstra um regime discursivo em que o futebol é representado como uma atividade potencialmente perigosa para a integridade física e moral. O corpo do “burguês moderno” tende a ser sensível aos excessos e descontroles, não por acaso, aquelas práticas esportivas mais ligadas a luta corporal e ao esforço físico, como é o caso do futebol e do boxe, vão ser paulatinamente incorporadas aos hábitos das classes populares (Bourdieu, 1978).

O processo de aceitação e popularização do esporte em Belém, inclusive o futebol, envolveu não apenas sua prática, mas também a disputa simbólica e discursiva sobre seus lugares e o controle do corpo (Dias, 2014). Muitos eram a favor do uso pedagógico, outros não. Segundo Dias (2014), desde a década de 1870, Belém foi sendo palco de diversos discursos em prol da prática esportiva. Os jovens foram induzidos a praticar treinamentos físicos esportivos.

Nesse sentido, a figura 5 apresenta um grupo de esportistas (uma equipe de futebol) em um campo. A presença de uniformes suscita ideais de organização, burocratização, ordem e controle, presentes nos esportes. A presença de uniformização padronizou o corpo, o comportamento, os gestos nas práticas esportivas ou através delas por meio da normatização dos movimentos, dos chutes,

dos passes, do ideal de vitória, das regras e das indumentárias. A “burocratização do esporte” de que estabelece e se amplia em um movimento de regulamentação esportiva, com a criação de federações, regras universais e competições organizadas (Bracht, 2005).

Figura 5 – Equipe de futebol uniformizada



Fonte: A Semana: Revista Ilustrada, Belém do Pará, 19 jul. 1919, p. 3.

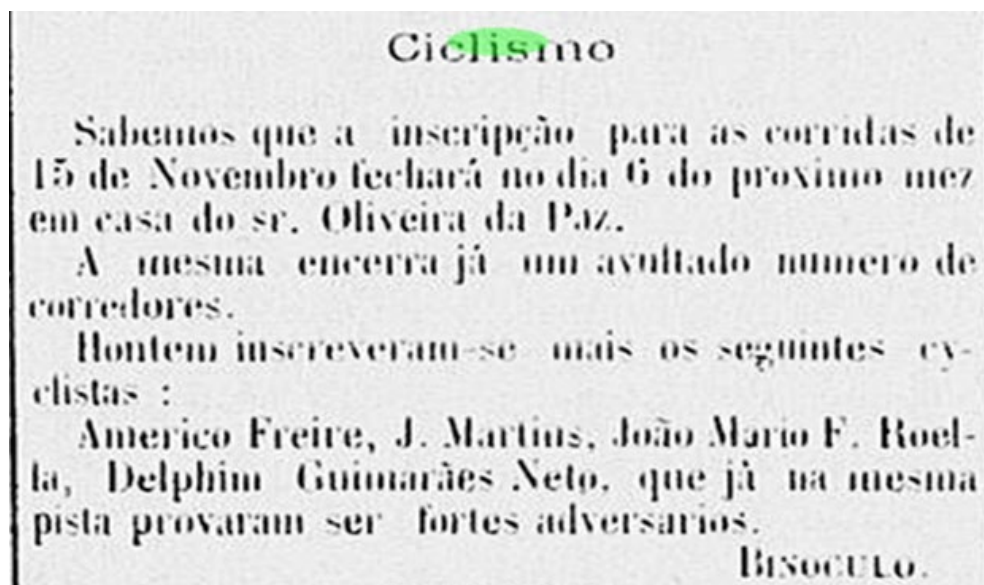
Os corpos passaram a ser regulados a partir de novas perspectivas, sentidos e objetivos, pois, de acordo com Foucault (2021), o poder cria os corpos por meio dos discursos, os quais não apenas descrevem, mas também produzem realidades. Por fim, a uniformização também foi utilizada para ampliar o sentido *higiênico*, educável e saudável, tanto em clubes, quanto em escolas. Segundo Foucault (2008, p. 57), “a saúde das populações tornou-se uma das normas econômicas requeridas pela sociedade industrial”. Sendo o corpo como objeto central e controlado enquanto biopolítica, sobretudo a partir da lógica da produtividade.

3 Esporte e educação “*physica*”

O corpo passou a ser tratado como “projeto de aperfeiçoamento”. Os corpos que não se adequavam aos padrões eram excluídos, controlados e ridicularizados, reforçando hierarquias sociais. A modalidade ciclismo também fez parte dos discursos considerados como boas práticas dos clubes esportivos em Belém do Pará, que direta ou indiretamente, sugeriu um tipo de corpo adequado, magro, forte, disciplinado e

predominantemente masculino. Nesse sentido, é trazida a prática do ciclismo em jornais do estado do Pará, no ano de 1899. Na figura 6 observa-se:

Figura 6 – Ciclismo em Belém no Jornal República⁸



Fonte: República (PA), Belém do Pará, 22 set. 1899, p. 1.

Observa-se que, nesse momento, havia muitos competidores da modalidade em Belém do Pará, assim como uma organização burocrática das competições, que foram intensas na época, o que indica discursos de competitividade e disciplina. Ao final do texto, é reforçada a competitividade entre os praticantes. Ou seja, o princípio da vitória era colocado como central, o que instigava a necessidade de treino com disciplina, com observância de regras, com uma lógica de competitividade. Nesse sentido, educar o corpo era também colocá-lo em jogo, em disputa com outros corpos, submetê-lo ao regime de trabalho e repouso, inscrevê-lo em complexos processos de competição.

Não bastava praticar um esporte, era preciso utilizá-lo como meio de controle do corpo, torná-lo rígido, magro e forte. O esporte passou a funcionar como um mecanismo de controle regulamentar sobre a juventude, num sistema de sujeição, pelo estímulo ao trabalho, à produtividade, requerendo um outro tipo de disciplina, de educação e práticas cotidianas, se torna força útil, produtivo e submetido (Foucault, 2013). Ao contrário do controle-repressão, a educação do corpo inscreve-se em um

⁸ “Ciclismo / Sabemos que a inscrição para as corridas de 13 de Novembro fechará no dia 6 do proximo mez em casa do sr. Oliveira da Paz./ A mesma encerra já um avultado numero de corredores./ Hontem inscreveram-se mais os seguintes cyclistas:/ Americo Freire, J. Martins, João Mario F. Hoelth, Delphim Guimarães Neto, que já na mesma pista provaram ser fortes adversarios. /Bisouco.”

tipo de controle-estimulação, por meio do qual os indivíduos passam a desejar a estética e a pujança do corpo dito educado, saudável (Foucault, 1999, 2013).

Nesse sentido, a análise do recorte de “A Semana: Revista Ilustrada (1919)”, figura 7, revela relações complexas entre esporte, educação física e os ideais de modernização e saúde no Brasil do início do século XX. O texto aborda a tentativa de implementação da educação física para crianças através de iniciativas esportivas promovidas pelo *Sport club*⁹, do Pará, destacando o papel do “futebol (foot-ball)”, “voleibol (volley-ball)” e da ginástica sueca. Tratou-se de um debate sobre competições realizadas no *Sport Club*, organizadas como eventos esportivos, mobilizando milhares de pessoas.

Figura 7 – Educação Physica no Sport Club



Fonte: A Semana: Revista Ilustrada, Belém do Pará, jan. 1919, p. 14.

Por meio do esporte, enunciados de dedicação, esforço e treinamento foram difundidos, assim como um sistema de regras que passou a envolver os praticantes e os espectadores. Como Bracht (2019) assinala, o esporte exerceu um potencial moralizador na modernidade, identificado com a ética do trabalho produtivo propagado pelo sistema de produção de mercadorias. Todavia, o texto mostra que o futebol era

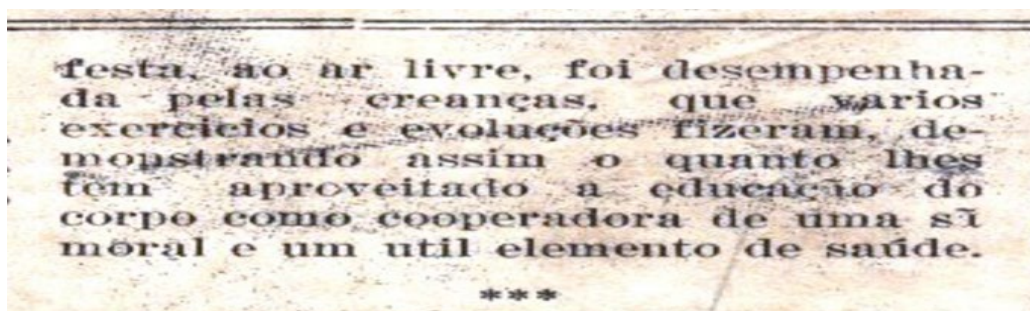
⁹ Fundado dia 25 de setembro de 1896, sua sede ficava na Estrada Nazareth, onde eram praticadas as modalidades náuticas, basquete, ciclismo e tiro. Parte de seus integrantes fundaram o grupo de Remo, atual clube do Remo. Fonte: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=124040>

considerado inadequado para o desenvolvimento físico infantil em comparação a práticas mais organizadas, como a ginástica e esportes tidos como mais leves.

A ginástica sueca¹⁰, por sua vez, era conhecida por seu caráter sistemático e disciplinador, foi amplamente difundida em escolas e clubes, enquanto o futebol ganhava espaço como o esporte das elites nos clubes. No lugar do futebol, foram apresentados, além da ginástica sueca, os esportes ditos leves, tal como o vôlei, que aparece como prática corporal adequada, notadamente em lugares de clima quente. Assim, não era qualquer prática corporal que atendia aos critérios necessários ao processo educativo.

A análise da figura 8, retirada de “A Semana: Revista Ilustrada (1919)”, também remete a um discurso típico do início do século XX sobre a relação entre corpo, moral e saúde, centrado na educação física como ferramenta de formação do cidadão. O trecho destaca a importância dos exercícios físicos na infância, apresentando-as como meio de construção de um corpo disciplinado e saudável.

Figura 8 – A educação do corpo para uma “moral sã” e a “saúde da criança”



Fonte: A Semana: Revista Ilustrada, v. 1, n. 44, Belém do Pará, jan. 1919, p. 14.

O texto mostra que as relações entre esporte, saúde e moralidade, estavam inseridas no contexto das políticas higienistas em Belém. Os discursos médico-higienistas supostamente visavam melhorar as condições de vida da população urbana, prevenindo doenças e promovendo a ordem social. Todavia, a infância começou a ser reconhecida como uma fase importante para o desenvolvimento físico e moral. Nesse sentido, a educação física nas escolas passou a ser tida como uma “ferramenta” necessária.

Para isso, os exercícios ao ar livre, mencionados no texto, eram considerados ideais, pois alinhavam-se aos preceitos higienistas, que valorizavam o contato com a

¹⁰ Segundo Moreno (2015, p. 130), esse modelo de ginástica propõe que “o corpo poderia ser analisado cientificamente e daí construir movimentos precisos e adequados, formas exatas e uniformes [...]”.

natureza como forma de fortalecimento do organismo. Esse processo, ao mesmo tempo em que promoveram a inclusão de crianças em práticas ditas saudáveis, cria também “exclusões” – aqueles que não atingem os padrões físicos ou que não participam das atividades esportivas poderiam ser vistos como desviantes ou menos capazes.

Nesse ínterim, novos discursos foram enunciados, interagiram e por vezes se conflitavam, produzindo diversos acontecimentos em Belém e compondo a trama pedagógica ginástica/esportiva, dentre eles, os de cunho nacionalista que preconizavam as práticas de educação física escolar como parte de um projeto nacional de fortalecimento do corpo social. Segundo Dias (2014), diversas práticas esportivas e ginásticas em Belém, foram atravessadas pelo nacionalismo, em espaços colegiais, clubes e da própria educação física escolar. Sobre esse ponto, segundo Melo (2018, p. 2), as iniciativas de “controle urbano e de restrição a determinados comportamentos”, se relacionavam com ditas “necessidades relativas à formação de uma elite [...] de caráter nacional”.

Entre os discursos nacionalistas localizados em Belém, estavam os de José Veríssimo (1906), que defendia o higienismo como elemento de um projeto de civilidade para o povo brasileiro. Nesse projeto, o corpo deveria ser educado, moralizado, treinado e fortificado. Portanto, mudar os hábitos do povo brasileiro e sua corporeidade eram metas discutidas em sua proposta de educação nacional¹¹. O jogo esportivo para Veríssimo (1906), seria importante para a formação dos jovens, em prol de uma formação nacionalista, moral e supostamente saudável. É dito mais especificamente que, esses tipos de jogos (esportivos) podem ser mais adequadas para a primeira infância. Contudo, ele associa a prática de esportes ao desenvolvimento da nação, uma “vida nacional”.

4 Ginástica como prática de controle-estimulação do corpo

Nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do XX em Belém a produção de discursos sobre ginásticas e esportes foram sendo produzidos, redefinidos, escolhidos, transformados, promulgados. Assim como em outras cidades,

¹¹ José Veríssimo (1906) propôs a criação de uma educação nacional, moralista, higiênica e supostamente alinhada com a evolução do povo brasileiro. Segundo Guimarães e Sousa (2016), ele “parte do pressuposto de que a civilização e o progresso são determinados por um povo moralmente regenerado” (p. 16).

em Belém os diferentes discursos, de médicos, políticos, professores, cronistas manifestavam “[...] o desejo de tutelar a educação das juventudes, sobretudo, dos jovens mais pobres, no sentido de erradicar hábitos vistos como imorais ou perigosos e promover aqueles interpretados como salutareos ou moralmente aceitos.” (Dalben; Júnior, 2018, p. 170). Foi assim, que por essas bandas, as ginásticas e os esportes, assim como os jogos, foram se tornando prioridade nos discursos médicos, pedagógicos e científicos de “educação do corpo”. De acordo com Soares (2011, p. 117), o caráter científico então afirmado na ginástica moderna¹² foi determinante para o crescimento da prática dela entre militares e civis, nas escolas e nas cidades como um todo, em grandes cidades brasileiras.

O corpo passou a constituir alvo do controle médico-higienista. De acordo com Soares (2011, p. 116), ginásticas populares e jogos foram transformados posteriormente em ginásticas pedagógicas e em esportes. A autora aponta que “as práticas populares tradicionais de artistas de rua, de acrobatas e funâmbulos, como espetáculos” foram parte importante para a ginástica moderna, científica, médica, europeizada, educável. Foram criados enunciados de diferenciação entre a ginástica racional mais vivenciada nas escolas, os esportes (inicialmente “de lazer”) mais vivenciados nos clubes e outras ginásticas praticadas ao ar livre. Em Belém não foi muito diferente.

De acordo com Galak, Zoboli e Manske (2020, p. 59), entre os séculos XVIII e XIX, o corpo humano passou a ser estudado e tratado como um sistema, uma máquina¹³. A ciência médica, especificamente a anatomia, forjou e fundamentou um corpo biológico, assentou as bases para as novidades do corpo e de como educá-lo, como uma máquina. Conforme Góis Junior, Soares e Terra (2015), o corpo foi sendo repensado como máquina¹⁴, com as mudanças que foram acontecendo, tal como no campo das produções industriais e tecnológicos. O corpo passou a ser pensado como

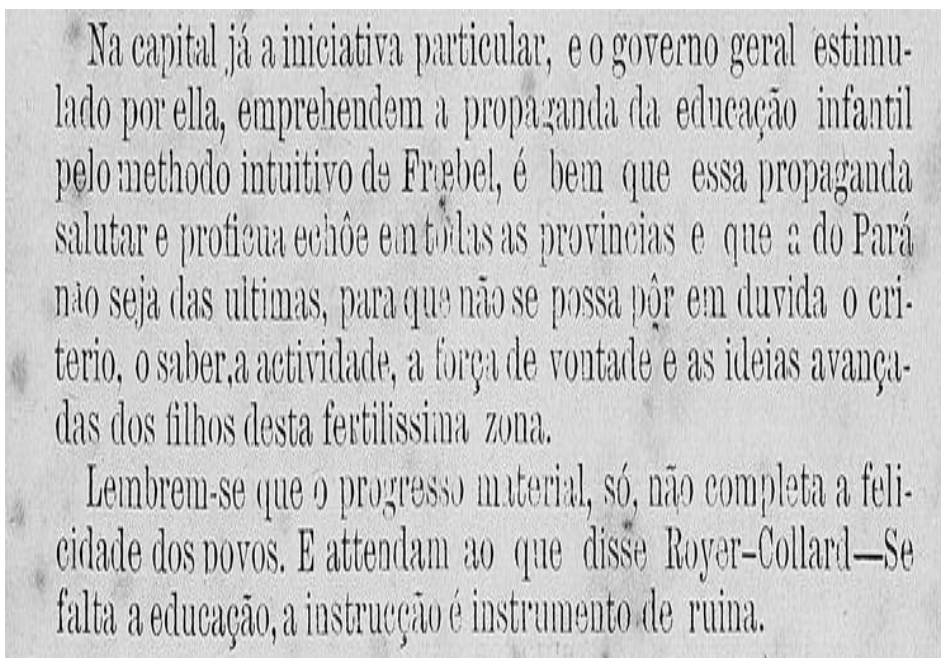
¹² Segundo Vigarello (2003), no decorrer do século XIX, as criações para a educação do corpo fizeram o movimento de cooptação das ginásticas. Para Fensterseifer (1999, p. 140), a principal instrumentalização de educação do corpo, movimento e práticas corporais passou a ser os métodos de ginástica.

¹³ Conforme declaram Galak, Zoboli e Manske (2020), o médico francês Julien Offray de La Mettrie foi um agente que defendeu insistentemente a visão de corpo como uma máquina.

¹⁴ Segundo Góis Junior, Soares e Terra (2015), a produção de Etienne-Jules Marey (1830-1904) colaborou para pensar o corpo nos parâmetros de uma ginástica tida como racional. Ainda para os autores, Claude Bernard fundamentou uma ciência médica baseada em um modelo de razão para pensar o corpo “máquina”.

produtivo para a economia, uma máquina que precisa ser cuidada para tal finalidade. “Um corpo máquina seria limpo, mais produtivo, moralmente eficaz” (Góis Junior; Soares; Terra, 2015, p. 975). No século XIX, de acordo com os autores, “[...] esses discursos sobre o corpo colaboraram para uma lenta difusão de práticas corporais presentes nos hábitos cotidianos [...]” (Góis Junior; Soares; Terra, 2015, p. 976). Foi assim que discursos sobre o corpo foram produzindo realidades também em Belém¹⁵. Na figura 9 observa-se:

Figura 9 – A educação da infância – Dr. Domingos D’almeida



Fonte: Revista Amazonica, ano 1, n. 1, Belém do Pará, jan. 1883, p. 5-10.

É feita referência a Herbert Spencer¹⁶, como um homem de notório saber sobre filosofia e educação. Que apontava que a educação deve começar no “berço”, sendo física, moral e intelectual. Tem se aqui o discurso moral da família tradicional, no qual a mãe deve cuidar da criança. Isso é dito pelo autor do texto, assinado por “Dr. Domingos D’almeida.” A análise do texto publicado aborda a educação infantil em Belém e a promoção da ginástica racional. Apontava-se o discurso médico como

¹⁵ Sarges (2010) pontua Belém passou a sofrer as influências provenientes de Paris e Londres. Segundo a autora, a cidade vivia o auge econômico com a extração do látex, com a valorização de um período artefatos de borracha, principalmente para a produção de pneus, tendo como consequência a chegada de pessoas e mudanças estruturais na cidade.

¹⁶ Dr. Domingos D’Almeida, referencia Spencer, que destacava uma educação “completa” – física, moral e intelectual – para o progresso da sociedade. Também menciona Fröbel, criador do conceito de jardim de infância, cuja pedagogia enfatizava o desenvolvimento integral por meio de atividades lúdicas e educativas.

orientador da formação das pessoas, remetendo à discursos de “bom cidadão de família”, “focado no trabalho” e “defensor da nação”.

Sugeria-se que a educação deveria formar o sujeito com ênfase no cuidado da saúde individual, do trabalho, da família, da pátria, da humanidade e por último as diversões e prazeres. Dr. D'almeida defendia que na educação infantil do Pará fosse adotada a sugestão de Spencer, portanto, o método intuitivo de Froebel. A “educação física” funciona como uma tecnologia de poder que visa controlar o movimento, a postura e a energia, garantindo a formação de corpos tidos como úteis e obedientes. Para isso, a educação infantil era apresentada para garantir o futuro da nação, sendo fundamental para o desenvolvimento de uma população forte e supostamente de moral íntegra.

Ainda de acordo com Soares (2011, p. 114), “o corpo torna-se constantes cuidados e as pedagogias que sobre ele incidem”. Em *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, Foucault (2013) argumenta que, numa sociedade organizada em torno do trabalho e da produtividade, o corpo assume papel central, uma vez que só pode ser funcionalizado quando submetido a mecanismos de dominação e controle que o mantêm integrado a estruturas de sujeição. O corpo também passa a ser integrado num sistema de sujeição, assim, controlado pelo estímulo ao trabalho, à produtividade, requerendo um outro tipo de disciplina, de educação e práticas cotidianas. Em vista disso, o corpo se torna alvo do poder moderno e produtor dele. Para Foucault (2013), o corpo tornou-se um alvo privilegiado do poder, especialmente com a emergência de novas modalidades de governar e disciplinar os indivíduos.

O grande livro do Homem-Máquina foi redigido simultaneamente em dois registos: o registo anatómicometafísico, do qual Descartes escrevera as primeiras páginas e que foi continuado pelos médicos e pelos filósofos; e o registo técnico-político, que foi constituído por todo um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares, e por processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo. Eram dois registos muito distintos, pois um tratava de submissão e utilização, e o outro de funcionamento e explicação: corpo útil, corpo inteligível. No entanto, entre eles, existem pontos de cruzamento. O Homem-Máquina de La Mettrie é, em simultâneo, uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro das quais reina a ideia de «docilidade», que junto o corpo analisável ao corpo manipulável. É dócil o corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. (Foucault, 2013, p. 132)

O corpo tratado como máquina para passou a ser produtivo e obediente, “científico”, passou a ser amplamente estudado e educado por diferentes áreas, mas

centralmente pela medicina. As práticas discursivas produziram novas formas de controle do corpo (Foucault, 2013, p. 30). O corpo passou a ser submetido e manipulado por novos desejos, ser controlado em uma lógica de aperfeiçoamento e controle. A figura 10 retirada da revista “A Semana: Revista Ilustrada (1920)”, destaca o jovem Cypriano Santos como símbolo da “primazia dos músculos”, assim, exemplifica o ideal de corpo forte e musculoso.

Figura 10 – a primazia dos músculos¹⁷



Fonte: A Semana: Revista Ilustrada, Belém do Pará, agosto 1920, p. 31.

A exaltação do corpo forte e musculoso compôs os discursos higienistas, que associavam saúde e estética a progresso e moralidade. A ênfase nos músculos e na força física simboliza um corpo disciplinado e alinhado aos valores de ordem, controle e superioridade. Esse tipo de corpo disseminou discursos de poder, de vigor, força, beleza e adequação ao ideal moderno.

A figura 10 e sua descrição posicionaram Cypriano Santos como modelo a ser admirado e emulado, reforçando a normatização de um corpo ideal masculino, que é

¹⁷ “Miss MEPHISTOPHELES. / O joven Cypriano Santos, filho do nosso director, em exercicio de magex.”/

forte e produtivo. A exaltação do corpo atlético como “primazia” criou padrões de beleza que excluiu corpos considerados fracos, femininos ou desviantes.

Esses enunciados educaram corpos para que se tornassem saudáveis e moralizados, cumprindo as regras da “boa moral”. Para que fossem corpos ativos, saudáveis, estimulados, fortes. Uma formação para um tipo de corpo praticante de ginásticas e esportes. É nesse contexto que educar o corpo para uma moral produtiva foi se consolidando como um dispositivo moderno, também em Belém. Por outro lado, na figura 11 observa-se:

Figura 11 – O ciclista “acima do peso”



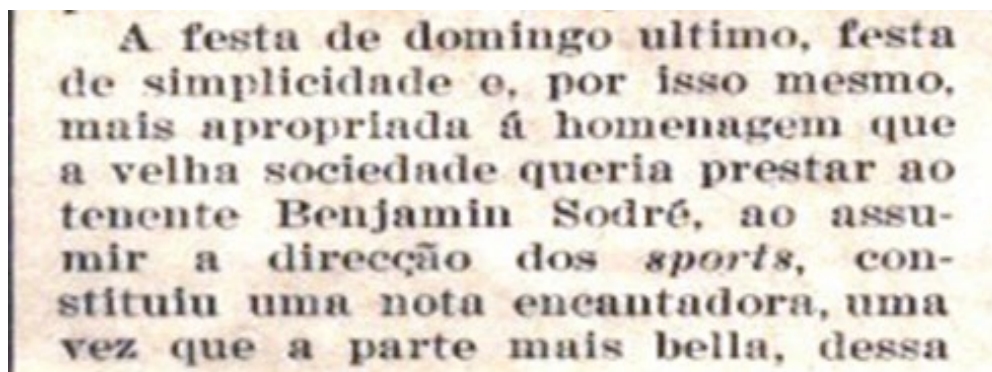
Fonte: A Semana: Revista Ilustrada, Belém do Pará, julho 1919, p. 40.

As práticas ginásticas como o ciclismo reforçaram ideais de um corpo dito como “adequado”: magro, ágil e disciplinado, características associadas a valores masculinos. A charge satiriza um ciclista “acima do peso”, sendo empurrado por uma pessoa menor e magra. A figura criticou a inadequação do corpo obeso em um ambiente que se valoriza a magreza e o desempenho físico. A ridicularização de corpos que fogem ao padrão ideal produziu a exclusão desses outros corpos.

A prática da ginástica, neste caso o ciclismo, se tornou um espaço que reforçava hierarquias sociais, premiando aqueles que se adequam ao modelo vigente e marginalizando os que não se enquadram. A charge não representa apenas um corpo gordo, mas um corpo que desafiava o ideal normativo de “corpo moderno”. Os

discursos higienistas também estavam vinculados aos discursos militares. Na matéria da revista *Illustrada* (figura 12), aparece a reverência a militares como entusiastas/incentivadores das práticas de esportes. Nesse caso, com o tenente Benjamin Sodré, mostra-se que a educação do corpo seria como “cooperadora de uma moral”, como um saber considerado “útil”, ligado a um saber prático.

Figura 12 – O Sport Club e a homenagem à Benjamin Sodré.



Fonte: A Semana: Revista Illustrada, v. 1, n. 44, Belém do Pará, janeiro 1919, p. 14.

A reverência a militares como incentivadores de práticas esportivas, particularmente ao tenente Benjamin Sodré, produziu efeitos sobre as relações entre esportes, educação moral e disciplina individual no início do século XX. Discursos importantes para que as práticas ginásticas e esportivas fossem incluídas nos currículos escolares. Esportes e ginásticas eram apresentados como extensões do treinamento militar. O texto associa a prática esportiva à construção de uma “moral”, reforçando a ideia de que o corpo disciplinado é também um corpo moralmente correto. Essa relação entre corpo e moralidade operou como um dispositivo de exclusão, marginalizando aqueles que não se adequam aos padrões estabelecidos.

A exaltação de militares como promotores do esporte e da ginástica na “Revista Illustrada” de 1919 produziu intersecções entre poder, saúde e moralidade no início do século XX, sendo a escola, um *locus* potencializador dessa discursividade. De acordo com Soares (2016), as ingerências sobre a escola foram feitas no sentido de conferir legitimidade a um projeto urbano de educação. Tal como foi produzido em Belém.

Considerando que não era simples controlar o ímpeto de uma população crescente, em uma cidade complexa. Costa *et al.* (2014) apontam que desde o século XIX, a educação física (escolar) se constituiu como um modo de intervenção médica e pedagógica. Os autores apontam para a realização de “uma reforma dos corpos,

que ocorria primeiro no núcleo familiar através da educação higiênica na infância” (Costa *et al.*, p. 273). A preocupação com a saúde pública estava atrelada ao crescimento de grandes cidades, tal como Belém. Os discursos higiênicos do século XIX “ajudaram a legitimar a presença do Estado no campo da saúde pública, mas também no campo educacional” (Costa *et al.*, p. 273).

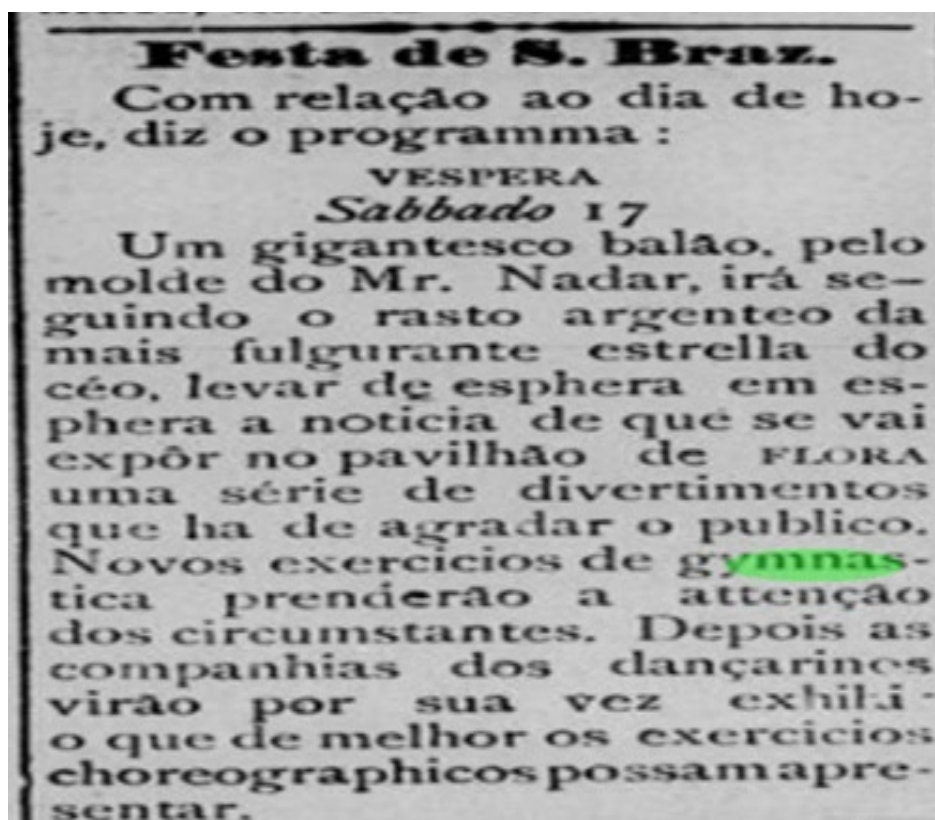
Os enunciados médico-higienistas, incluído os militares, passam a reposicionar possibilidades de vivências de práticas corporais e, portanto, de formas de educação do corpo. Considerando uma Belém que passava por processos de industrialização, modernização, urbanização, que recebeu grande quantidade de imigrantes, portanto, fatos que fortaleceram e ampliaram as práticas de regulação do corpo. Assim, apontamos que a educação do física (inclusive, nas escolas), passou a compor enunciados de controle do corpo, de regulação da vida em sociedade (Foucault, 1999). O aumento de intervenções coletivas de regulação, com ênfase em um controle mais expansivo e que podemos chamar de controle biopolítico das populações (Foucault, 1999).

Por vezes, o discurso sobre a ginástica foi vinculado à discursos militares. No século XIX, as relações entre os meios militares e a ginástica se desdobraram em diversos acontecimentos. O que inclui o início das práticas esportivas e ginásticas em Belém, tal como aponta Dias (2014). O que se reverbera pelos discursos nacionalistas por dentro dos discursos escolares e da educação física escolar. Sobre esse ponto, segundo Melo (2018, p. 2), as iniciativas de “controle urbano e de restrição a determinados comportamentos”, aconteciam tanto no meio civil, quanto no militar, tendo como referência “o que ocorria na Europa e relacionadas às necessidades relativas à formação de uma elite [...] de caráter nacional”.

Por outro lado, ruas, as festas, as baixadas, as favelas, os rios, os igarapés e as praias jogavam? Capoeiras e Carimbós escapam às formas de controle as potências de ser, jogar, dançar, correr, pular, saltar, girar? Segundo Matos (2010, p. 71), em Belém, aconteciam muitas festas durante o século XIX. Festas das elites, com altos valores para se ter acesso, e festas de uma população empobrecida, com folguedos, danças e ginásticas populares. A autora mostra que, nesse período, “o processo de remodelação espacial de parte da cidade de Belém com pretensão urbanizadora e profilática e a influência de valores urbanos europeus nas manifestações culturais populares estiveram fortemente presentes”.

Nesse período, coexistiam espaços de sociabilidade elitizados, uma cidade idealizada em Paris, com melhores condições de vida, controlada por códigos e vigilância ostensiva. Nessa Belém, aconteciam as festas autorizadas e controladas. No entanto, na cidade excluída, as práticas festivas tinham formas, estéticas, rituais e desdobramentos diferentes. Em contrapartida aos discursos médicos, pedagógicos, militares, de acordo com Melo (2018) e Soares (2011, p. 116), as práticas corporais oriundas dos âmbitos populares configuraram um conjunto de saberes que também serviu de base para a Ginástica científica e para a Educação Física escolar. Nesse sentido, em Belém, em 1881, como na figura 13, ocorria a festa de São Braz, tendo como atração ginásticas populares de apresentação e danças coreografadas, também com finalidade de apresentação e de entretenimento.

Figura 13 – Ginástica na festa de São Braz.



Fonte: Diário de Notícias (PA), Belém do Pará, 8 de fev. de 1881, p. 3.

Observa-se que práticas semelhantes aos atuais arrastões folclóricos já estavam presentes no período. É evidenciado que a festa de Nossa Senhora de Nazaré, em 1876, envolvia muita dança, ginástica e manifestações artísticas. Tratou-se de uma festa da própria paróquia. Diferentemente de hoje em dia, quando as manifestações ditas profanas são organizadas por grupos de arte e cultura. A análise

do texto, retirada do “Diário de Notícias (1881)”, destaca a ginástica e danças coreografadas como atrações culturais e de entretenimento. A Festa de São Braz, como descrita, apresentou uma programação que misturou elementos tradicionais com práticas modernizantes, como a ginástica. A fusão de práticas religiosas e artísticas na Festa de São Braz racionalizava e moralizava os espaços e festas populares. Por meio de manifestações artísticas como a dança e a ginástica, as elites locais controlaram e disciplinaram a participação popular nesses eventos.

Sobre as festas Nazarenas, segundo Matos (2010, p. 72), nelas houve uma valorização maior “das produções culturais em ascensão na Europa”, como o circo mais organizado e espetacularizado. Assim, os folguedos, incluindo os Nazarenos, “[...] passam a ser normatizados, associados a manifestações ultrapassadas e a sofrerem perseguições e discriminações, prática evidenciada em diversas festas populares no Brasil” (Matos, 2010, p. 72).

Matos (2010, p. 73) declara que “[...] não foram poupados esforços na tentativa de moralização das práticas religiosas e lúdicas”, sendo que o Círio era – e ainda é – um grande evento mobilizador do comércio, proporcionava grande fluxo de pessoas, mobilizava a fé e a festa. Foram necessárias mediações entre o que se pode ou não, entre a permissão ou não para as manifestações populares. Ainda para Matos (2010, p. 85) aconteceram controles ostensivos dessas festas populares, com uso da repressão e de enunciados que tornavam possível o que é certo, algumas ditas posturas e padrões corretos.

As ginásticas populares serviram de entretenimento, mas, por outro lado, foram colocadas como exóticas, que fugiam às regras e à ordem (moderna). Por outro lado, de acordo com Soares (2011, p. 116), “[...] as práticas populares tradicionais de artistas de rua, de acrobatas e funâmbulos, como espetáculos”, foram parte importante para a ginástica moderna, científica, europeizada, educável. Ou seja, as ginásticas populares também serviram de base empírico-metodológica para aquelas que foram desenvolvidas dentro das escolas, clubes e universidades, que encarnavam o discurso médico-higienista-científico.

Contudo, estudos recentes sobre a educação do corpo em Belém do Pará demonstram que ginásticas, jogos e esportes não foram incorporados de maneira neutra ou espontânea, mas constituíram-se como práticas historicamente selecionadas e sistematizadas no interior de um conjunto de dispositivos que

articularam discursos médicos, higienistas, pedagógicos e urbanos, operando como técnicas de regulação dos corpos e de gestão da vida no contexto da modernização da cidade no final do século XIX e início do XX (Paes Neto; Vieira, 2025).

A cidade, em seu processo de urbanização e embelezamento, atuou como instância pedagógica ampliada, na medida em que espaços públicos, práticas corporais e discursos sobre saúde e civilidade passaram a compor uma trama de biopolíticas regulatórias voltadas à produção de corpos disciplinados, produtivos e moralizados, evidenciando que a educação do corpo extrapolava os limites da escola e se inscrevia no cotidiano urbano belenense (Paes Neto; Vieira, 2025). Segundo Foucault (2008, p. 57), a saúde coletiva passou a configurar-se como um requisito econômico fundamental para o funcionamento da sociedade industrial. Sendo o corpo como objeto central e controlado enquanto biopolítica. Contudo, foram desenvolvidas formas de controle distintas entre pessoas e grupos sociais. Se, para um grupo de pessoas ricas, era interessante dançar, bailar e andar pelas entrelinhas dos universos ocultos, aos seus filhos, diziam não ser adequado. À juventude, muitas vezes, era dito que festas populares ou “espetaculares” eram perniciosas.

A leitura arqueogenealógica das práticas corporais em Belém do Pará permite compreender que a educação do corpo se constituiu por meio de disputas, contingências e jogos de poder, afastando interpretações lineares ou teleológicas e revelando como determinadas verdades sobre saúde, movimento e disciplina se estabilizaram historicamente em detrimento de outras possibilidades corporais silenciadas ou interditadas (Paes Neto; Vieira, 2025). Assim, as manifestações de práticas populares (folguedos, ginásticas, danças, capoeira) em si não eram bem aceitas para discursos em torno das relações de poder em sociedades de controle e seus dispositivos. Todas essas eram ditas adequadas, em certo contexto e para propósitos diferentes, além de diferenças entre pessoas e grupos, em diferentes tempos. Entretanto, as ginásticas mais populares, nesse caso não gozavam de prestígio, enquanto “valor formativo”. Eram postas em uma outra rede de enunciados, ou seja, do espetáculo e do entretenimento.

5 Considerações finais

Com este estudo, foi analisado como as práticas corporais ginásticas e esportes foram utilizadas como um dispositivo pedagógico e político para a educação

do corpo na cidade de Belém do Pará entre o final do século XIX e o início do XX. A partir das contribuições foucaultianas, é demonstrado que as práticas esportivas não emergiram de maneira espontânea ou neutra, mas foram construídas discursivamente como ferramentas de biopoder e biopolítica. As práticas corporais constituíram um dispositivo de controle-estimulação, que não apenas disciplinou corpos e normatizou comportamentos, mas também se articulou a ideais higienistas, morais, militares, produtivistas, nacionalistas e modernizantes que moldaram a sociedade belenense nesse período.

A análise dos artefatos permitiu que fosse afirmado que os discursos contribuíram para a conformação de uma “trama pedagógica”, em que práticas corporais foram sistematicamente direcionadas para a formação de sujeitos saudáveis, produtivos e moralmente alinhados com os valores médico-higienistas. Foram evidenciadas tensões e disputas que perpassaram os discursos em Belém. Enquanto certos segmentos da sociedade viam certas práticas como um meio civilizador e moralizador, outros o percebiam como uma prática perigosa e descontrolada. As contradições evidenciadas pelos discursos da época apontam para a complexidade desses fenômenos. Discursos como de saúde, disciplina, nacionalismo e moralidade se entrelaçam, também em Belém, construindo narrativas que produziram muitos acontecimentos e estimularam formas de controle dos corpos e das subjetividades. Portanto, constituiu-se como estratégia de regulação social dos corpos, via discursos de controle-estimulação.

REFERÊNCIAS

- A EDUCAÇÃO do corpo para uma “moral sã” e a “saúde da criança”. **A Semana**: Revista Ilustrada, Belém, v. 1, n. 44, p. 14, jan. 1919. Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/a-semana-revista-illustrada/>. Acesso em: 1 jul. 2020.
- A EDUCAÇÃO da infância – Dr. Domingos D’almeida. **Revista Amazonica**, Belém, ano 1, n. 1, p. 5-10, jan. 1883. Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/revista-amazonica/>. Acesso em: 1 jul. 2020.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. Recife: FJN: Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009. 340 p.
- A PRIMAZIA dos músculos – Cypriano Santos. **A Semana**: Revista Ilustrada, Belém, v. 3, n. 123, p. 31, ago. 1920. Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/a-semana-revista-illustrada/>. Acesso em: 1 jul. 2020.
- BARROS, Magaly Caldas; SERRA, Hugo Hage. A Belém da belle époque e os roteiros geo-turísticos como instrumentos de educação patrimonial. **Formação**, [s. l.], v. 25, n. 44, 2018. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/5163>. Acesso em: 5 jul. 2020.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. [S. n]: [s. l.], 1978. p. 136-153.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3. ed. Ijuí: Unijui, 2005.
- BRACHT, Valter. **A educação física escolar no Brasil**: o que ela vem sendo e o que ela pode ser (elementos de uma teoria pedagógica da educação física). Ijuí: Unijui, 2019.
- CHARGE sobre ciclismo. **A Semana**: Revista Ilustrada, Belém, jul. 1919. Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/a-semana-revista-illustrada/>. Acesso em: 1 jul. 2020.
- CORRIDA no Largo de São Braz. **Diario de Noticias**, Belém, p. 2, mar. 1888. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 1 jul. 2020.
- CORRIDA no Jockey Club Paraense. **Diario de Noticias**, Belém, p. 9, jul. 1891. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 1 jul. 2020.
- COSTA, L. H. *et al.* O discurso médico e a Educação Física nas escolas (Brasil, século XIX). **Ver. Bras. Educ. Fís. Esporte**, (São Paulo) 2014 Abr- Jun; 28(2): 273-282. Acesso: <https://www.scielo.br/pdf/rbefe/v28n2/1807-5509-rbefe-28-2-0273.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2020.

DALBEN, André; GÓIS, Edivaldo. Embates esportivos: o debate entre médicos, educadores e cronistas sobre o esporte e a educação da juventude (Rio de Janeiro e São Paulo, 1915-1929). **Movimento**, v. 24, n. 1, p. 161-172, 2018. Acesso em: 24 fev. 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mov/a/yM7SPStTNkPRkVX8cTb9bJy/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 5 jul. 2020.

DIAS, Douglas da Cunha. **Quem te margeia conta de ti**: educação do corpo na Belém do Grão-Pará (de 1855 à década de 1920). 2014. 484 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/936196>. Acesso em: 10 jan. 2019.

DIAS, Douglas da Cunha; SOARES, Carmen Lúcia. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no espelho das águas (do final do século XIX à década de 1920). **Projeto História**, [s. l.], v. 49, p. 19-49, abr. 2014. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/19712>. Acesso em: 10 jan. 2019.

EDUCAÇÃO Physica no Sport Club. **A Semana**: Revista Ilustrada, Belém, p. 14, jan. 1919. Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/a-semana-revista-illustrada/>. Acesso em: 1 jul. 2020.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**: desporto e lazer no processo civilizacional. Lisboa: Difel, 1992.

EQUIPE de futebol uniformizada. **A Semana**: Revista Ilustrada, Belém, p. 3, 19 jul. 1919. Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/a-semana-revista-illustrada/>. Acesso em: 1 jul. 2020.

ESPORTE é uma barbárie. **Diário de Notícias**, Belém, p. 2, 22 ago. 1896. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 1 jul. 2020.

FENSTERSEIFER, P. E. A educação física na crise da modernidade. 1999. 213 p. **Tese (doutorado)** - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000195528>. Acesso em: 25 fev. 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2021.

GALAK, Eduardo; ZOBOLI, Fabio; MANSKE, George Saliba. Do corpo da biologia ao corpo da máquina: algumas considerações a partir do esporte. **Revista da ALESDE**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 57-73, 2020. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/146609>. Acesso em: 5 jul. 2020.

GINÁSTICA na festa de São Braz. **Diário de Notícias**, Belém, p. 3, 8 fev. 1881. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 1 jul. 2020.

GOIS, Edivaldo Júnior; SOARES, Carmen Lúcia; TERRA, Vinícius Demarchi Silva. Corpo-máquina: diálogos entre discursos científicos e a ginástica. **Movimento**, p. 973-984, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/288669579_CORPO-MAQUINA_DIALOGOS_ENTRE_DISCURSOS_CIENTIFICOS_E_A_GINASTICA. Acesso em: 1 mar. 2020.

KUNZ, Elenor. O esporte enquanto fator determinante da educação física escolar. **Contexto & Educação**, Ijuí, RS, v. 4, n. 15, p. 63-73, jul./set. 1989.

MELO, Victor Andrade de. Preocupações com a educação física: o ensino de práticas corporais nas escolas fluminenses (1836-anos 1850). **Educação e Pesquisa**, v. 44, p. e175905, 2018.

MELO, Victor Andrade de. Esporte, ginástica, educação física: as práticas corporais institucionalizadas. **ComCiência**, Campinas, n. 157, abr. 2014. Disponível em: https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000300011&lng=e. Acesso em: 3 mar. 2020.

MATOS, Lucilia da Silva. Belém em festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré. **Tese** (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MATOS, Rafael. Sportmen nas redações: o jornalismo esportivo na Belle Époque. *In*: ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2; SEMINÁRIO DE HISTÓRIA, CULTURA E MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA AMAZÔNIA, 2., 2012, Belém, PA. **Anais** [...]. Belém: Universidade Federal do Pará: ALCAR, 2012. p. 1-14.

MORENO, Andrea. A propósito de Ling, da ginástica sueca e da circulação de impressos em língua portuguesa. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s. l.], v. 37, n. 2, p. 128-135, mar. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/YrywjFnDPmC9dWQmzHTGckm/?lang=pt>. Acesso em: 5 fev. 2020.

PAES NETO, Gabriel Pereira; VIEIRA, Eduardo Paiva de Pontes. Educação do corpo: biopolítica e biopoder em Belém do Pará, entre o final do século XIX e o início do XX. **Cadernos do CEOM**, Chapecó (SC), v. 38, n. 62, p. 80–98, jun. 2025. DOI: 10.22562/2025.62.05. Disponível em:

<https://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/8375>. Acesso em: 1 ago. 2025.

O ATHLETISMO. **A República**, Belém, p. 4, 22 out. 1899. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=850675&pasta=ano%20189&pesq=&pagfis=0>. Acesso em: 01 jul. 2020.

O CICLISTA “acima do peso”. **A Semana**: Revista Ilustrada, Belém, p. 40, jul. 1919. Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/a-semana-revista-illustrada/>. Acesso em: 1 jul. 2020.

O SPORT Club e a homenagem à Benjamin Sodré. **A Semana**: Revista Ilustrada, Belém, v. 1, n. 44, p. 14, jan. 1919. Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/a-semana-revista-illustrada/>. Acesso em: 1 jul. 2020.

SARGES, M. N. **Belém**: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912), 3a edição. Belém, Paka-tatu, 2010.

SOARES, C. L. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen Lúcia. (Org.). **Corpo e história**. – 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 111-131.

SOARES, C. L. **Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas: Autores Associados, p. 1-45, 2016.

SOUSA, Marlucy do Socorro Aragão de. Raça e Educação na América Latina: um estudo comparado do pensamento de José Veríssimo (Brasil/1857-1916) e José Ingenieros. **Revista Latino-Americana de História**. Vol. 5, nº. 15 – Julho de 2016.

VERÍSSIMO, José. **A educação nacional**. Rio de Janeiro: Livraria F. Alves, 1906.

VIGARELLO, G. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. Université de Paris V École des Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS). **Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas**, v. 25, n. 1, p. 9-20, set. 2003. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/170>. Acesso em: 10 jan. 2010.

MINI BIOGRAFIA

Gabriel Pereira Paes Neto

Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Educação pela mesma instituição. Professor e Formador da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC/PA) e coordenador do curso de Educação Física do Centro Universitário Estácio Belém. Membro dos grupos de pesquisa CAE/UFPA e EPSTEM/UFPA.

E-mail: gabrielpaesneto@gmail.com

Eduardo Paiva de Pontes Vieira

Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará; pós-doutor em Educação pela mesma instituição; Professor Associado I do Departamento de Biologia Celular e Molecular e do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da UFPA, e coordenador do grupo de pesquisa Ensino de Ciências, Cultura e Subjetividade.

E-mail: epontesvieira@yahoo.com.br